

mercado

FOLHAINVEST

Isenção de IR
eleva ganho de
papéis de agro
e de imóveis

Pág. B3 ▶

INOVAÇÃO

Rússia quer
fazer de
Skolkovo seu
Vale do Silício

Pág. B6 ▶

Colômbia é alvo de empresas brasileiras

Estabilidade, incentivos fiscais e melhora na segurança atraem investidores, que devem aportar no país US\$ 5 bi até 2014

Setores de mineração e de petróleo estão entre os que mais despertam interesse; classe média forte é outro atrativo

CAMILA FUSCO
ENVIADA ESPECIAL A BOGOTÁ

Com 45 milhões de habitantes, estabilidade econômica e oportunidades em carvão e em petróleo, a Colômbia entrou de vez no radar do investidor do Brasil.

A expectativa é que 2011 marque o início da fase mais próspera de aportes brasileiros no país, que até 2014 chegará perto de US\$ 5 bilhões, o triplo do valor acumulado desde 1994.

A justificativa para a disparada é a fase de crescimento estrutural, além do cenário favorável aos negócios.

Acordos de promoção e proteção de investimentos, leis para evitar a bitributação e a redução de impostos —de 33% para 15%— para os geradores de empregos e melhora da segurança são atrativos, divulgados no exterior por órgãos como a ProExport.

“A tendência de internacionalização das empresas brasileiras já justifica o interesse pela Colômbia, que mostra boas oportunidades e pouco exploradas, principalmente em mineração e em infraestrutura”, diz Dirk Boehe, professor de negócios internacionais do Insper.

Os setores de mineração e de petróleo —que representam 60% dos US\$ 6,5 bilhões em investimento estrangeiro em 2010— são dois dos mais atrativos para as brasileiras.

Só a CCX —braço da brasileira EBX, de Eike Batista— projeta investir US\$ 3 bilhões em dois anos para explorar carvão mineral na Colômbia.

Já a Odebrecht, líder do

consórcio que reúne outras duas empresas colombianas, inicia neste ano a construção de parte da Rota do Sol, rodovia que unirá Bogotá à costa do Caribe e demandará investimentos de US\$ 1 bilhão.

MERCADO EM EXPANSÃO

Quem visita a capital, Bogotá, encontra na cidade um verdadeiro canteiro de obras.

Elas se estendem do aeroporto Eldorado à autopista que leva ao centro e abriga a construção do sistema de transporte TransMilenio, que representa um dos principais negócios para a brasileira Marcopolo, com mais de 4.000 veículos já fornecidos.

Lojas e hotéis também se proliferam em Bogotá e nas maiores cidades, de olho na classe média, que saltará de 40% (ou 18 milhões de pessoas) para 80% da população na próxima década.

Não à toa, setores relacionados ao consumo já se movimentam, como o de embalagens, explorado pela Braskem, com potencial de US\$ 700 milhões por ano.

Paralelamente ao estímulo empresarial, o governo colombiano concentra-se em fatores internos.

“Intervimos diariamente com US\$ 20 milhões para enfrentar a guerra de moedas. Outras medidas incluem metas sustentáveis de crescimento. É melhor crescer aos poucos do que ir para 8% ao ano e depois despencar”, diz o ministro da Fazenda, Juan Carlos Echeverry.

Segundo dados preliminares, o PIB cresceu 4,2% em 2010. A expectativa para este ano está entre 5% e 6%.

F **FOLHA.com**
Colômbia tenta driblar
“dores do crescimento”
folha.com.br/me878440

» LEIA MAIS na pág. B5



Bia Fanelli - 18.abr./09/Folhapress

Veículos do sistema TransMilenio, em Bogotá, que tem a Marcopolo como fornecedora

País entra na lista de fundos estrangeiros

DA ENVIADA A BOGOTÁ

Eleita pelo Banco Mundial um dos dez países com melhor nível de proteção jurídica ao investidor em 2011 —com regras claras de responsabilização do gestor e acesso a dados contábeis—, a Colômbia desperta a atenção de fundos voltados à compra de participação em empresas (“private equity”).

O Carlyle, que só em 2010 investiu US\$ 2 bilhões no Brasil com a compra de participação em empresas, entre elas a CVC e a Scalina, dona da TriFil, escolheu a Colômbia como um dos destinos prioritários para investimentos na região, ao lado do Peru.

O alvo são empresas nacionais de consumo e serviços. A **Folha** apurou que o fundo americano tem até US\$ 300 milhões para colocar na região andina.

Com US\$ 1,7 bilhão para investir na América do Sul, o Advent já tem escritório montado em Bogotá e prospecta companhias médias para investimentos entre US\$ 100 milhões e US\$ 250 milhões.

Além do ambiente propício, outra razão para investimentos na Colômbia é o fato de o Brasil estar mais caro.

A disputa entre fundos no mercado brasileiro tem feito as empresas se valorizarem em até 400%.

Com negócios pouco explorados, a Colômbia é uma das alternativas em potencial.

COLÔMBIA EM FOCO

Apoiadas pelas políticas de incentivo às empresas, brasileiras devem investir quase US\$ 5 bilhões no país até 2014

EBX	ODEBRECHT	BR PETROBRAS	VALE	Braskem	Marcopolo	EMBRAER
Com três escritórios na Colômbia, a CCX —braço local da EBX— pretende investir até US\$ 3 bilhões até 2013, em um sistema integrado de minas de carvão mineral a céu aberto e subterrânea, ferrovia e porto próprio	Vencedora da licitação para a construção e a concessão da Rota do Sol, que unirá Bogotá à costa do Caribe, a Odebrecht lidera o consórcio que vai investir US\$ 1 bilhão na construção da maior parte da estrada	Em operação na Colômbia desde 1972, a Petrobras tem sua carteira formada por 15 projetos. Atualmente, trabalha na descoberta do Bloco Balay, em fase de testes. Estimam-se investimentos de até US\$ 400 milhões até 2014	Compradora do grupo Argos em 2009, a Vale tem duas concessões no país para exploração de carvão, com produção anual estimada em 3 milhões de toneladas. Investimentos projetados para 2011 são de US\$ 102 milhões	Após abrir escritório em Bogotá, em 2009, a Braskem busca ampliar suas operações de vendas no país para aproveitar o negócio de polipropileno e polietileno, mercado que movimentou por ano até US\$ 700 milhões	Sócia do grupo colombiano Fanalca, a brasileira fornece carrocerias de ônibus para o projeto de corredores TransMilenio. Até hoje foram 4.000 chassis, e a empresa acaba de vencer licitação em que dividirá com firmas locais o fornecimento de 3.800 micro-ônibus	De olho no crescimento de passageiros da Colômbia —34% em 2010—, a Embraer reforça o fornecimento de aeronaves para o país. A empresa tem cerca de 30 aviões e clientes como Copa Holdings e Satena

ANÁLISE

Desafio é fazer avanço econômico chegar aos índices sociais

ÉRICA FRAGA
DE SÃO PAULO

Nem Brasil, potência econômica da região, nem Chile, melhor aluno —incessantemente elogiado— da escola liberal.

Pergunte a um especialista em América Latina sobre o país que apresenta hoje o melhor conjunto da obra, incluindo não só avanços econômicos em anos recentes mas dedicação a reformas para melhorar o ambiente de negócios. É grande a chance de a resposta ser Colômbia.

Foi o que a **Folha** ouviu em 2010 do economista venezuelano Ricardo Hausmann, de Harvard, um dos maiores especialistas na região:

“Estou muito otimista em relação à Colômbia. É um país ainda muito mais pobre do que o Brasil e que enfrenta desafios que o Brasil não possui. Mas eles estão lidando com esses desafios de forma excepcional”.

A violência —que, além de provocar imensos danos sociais, solapou a confiança de investidores por décadas— ainda é o principal problema.

Mas, com o sucesso do governo anterior de Álvaro Uribe em enfraquecer significativamente as Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), o país começa a colher os dividendos do início da paz.

O investimento estrangeiro direto na Colômbia, direcionado principalmente para commodities e infraestrutura, saltou de US\$ 2,4 bilhões em 2000 para cerca de US\$ 9,5 bilhões em 2010, estimam analistas.

A taxa de investimento também se recuperou forte-

mente, depois de despencar para menos de 14% do PIB no fim da década 1990, e alcançou quase 23%, ante, por exemplo, 19,4% no Brasil.

O combate à violência é importante motor da recuperação. Mas não é o único.

Esforços do governo para melhorar o ambiente de negócios fizeram com que a Colômbia figurasse na lista dos dez países que mais promoveram reformas do relatório “Doing Business” do Banco Mundial em quatro dos sete anos entre 2003 e 2009.

Atualmente, a Colômbia

ocupa o 39º lugar entre 183 países analisados pelo Banco Mundial, atrás de México e Peru, mas muito à frente do Brasil, que está em 127º.

No quesito proteção a investidores, a economia colombiana aparece no quinto posto do ranking.

Segundo Tarquin Leadbetter, analista de América Latina da consultoria Business Monitor International, a Colômbia também tem se beneficiado de efeitos colaterais das políticas heterodoxas do Equador e da Venezuela.

Temerosos —ou enxota-

dos—, investidores interessados nos setores de mineração e hidrocarbonetos têm migrado para a Colômbia.

Com popularidade que não deixa nada a desejar à do ex-presidente Lula —quase 90% de aprovação— e pujante maioria parlamentar, tudo indica que o sucessor de Uribe, Juan Manuel Santos, manterá a agenda de reformas e combate à violência.

Seu desafio é fazer com que os avanços que vêm sendo alcançados se convertam de forma mais rápida em melhores indicadores socioeconômicos, como uma taxa menor de desemprego, que permanece em patamar elevado, de cerca de 12%.